

Pedidos de ano novo

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular da Unicamp e editor

Como sempre, ficamos animados com o alvorecer de um novo ano, mesmo sabendo que mudanças no calendário não passam de convenções, baseadas mais em mitos de cada sociedade do que em alterações marcantes no clima e nas estações. É verdade que alguns calendários são fundamentados nas estações do ano, outros em fases da lua, mas a maior parte deles se baseia em narrativas fantásticas, em mitos de origem, ou em supostas datas de nascimento de heróis e divindades.

Nós, do mundo ocidental, preferimos o calendário cristão, hoje consultado em celulares e computadores, mas, até pouco tempo atrás, impresso em “folhinhas” que marcavam o tempo, mês a mês, e apresentavam ilustrações de campos nevados, anjos da guarda, santos conhecidos e até mulheres atraentes com mais ou menos roupa, dependendo de sua origem ter sido o armazém da rua ou o posto de gasolina do bairro.

Substituir uma folhinha, prestes a ser atropelada pelo tempo, por outra, novinha em folha, renovava a esperança na cura dos doentes e na solução de nossos problemas financeiros. De quebra, esperavam-se que as solteiras arranjassem marido, os desempregados encontrassem emprego e os mais jovens, um pouco de juízo, o que incluía ser aprovado no colégio, passar para o ano seguinte sem segunda época. As mães, por vezes, confessavam que desejavam um pouco de juízo às filhas adolescentes, quando essas se mostravam um pouco mais “assanhadas” do que o razoável (e o razoável era muito diferente em cada caso, mas sempre incluía “não engravidar antes de casar”).

Hoje, não temos mais a folhinha, e parece que não acontecem “passos em falso” de nossas moças. Ou, simplesmente, eles, de tão comuns, não provocam grandes reações... Mudam os tempos, mudam os costumes. Menos o de fazer planos. Na verdade, não somos tão bons assim em planos, mas somos ótimos em ter desejos e fazer previsões. O futuro, nosso futuro, não se baseia em algo concreto, mas em esperanças, expectativas. Afinal, somos brasileiros. E brasileiro é sensível, amua-se por qualquer coisa. Se aquele conhecido, com quem conversamos uma vez, não responde à nossa mensagem de ano-novo (mesmo que nem tenha sido redigida a alguém em particular e tenha sido enviada exatamente igual a todo mundo) ficamos seriamente sentidos.

O fato é que nosso desejo mais comum de ano novo é que todos “sejam felizes”. Desejar felicidade é legal: é algo amplo, abrangente, inclui amor, dinheiro, viagens, comida boa, tudo que possa deixar o receptor da mensagem feliz. Mesmo sabendo que o conceito tem historicidade, ou seja, o que é felicidade para um camponês na Idade Média não satisfará uma mulher de classe média urbana brasileira do século 21. (Sobre a historicidade da felicidade sugeriria a leitura do excelente livro de Peter Stearns *História da felicidade*. Se não ficar mais propenso a ser feliz, com certeza ficará mais culto.)

Queremos saúde. Será que saúde se tornou um desejo tão universal quanto a felicidade? Não creio. Acho até que a frequência de saúde, entre os desejos, tem mais a ver com a idade das pessoas que me enviaram seus “cartões”.

Camarada que toma remédio para pressão alta, ou contra problemas estomacais, quando não é para tentar corrigir problemas congênitos do sistema circulatório, sente necessidade de desear saúde a todos, pois se dá conta, pela própria experiência, que a vida é finita e que ela está em perigo neste mundo competitivo e maluco em que vivemos. Muitos de nós já não nos preocupamos em acumular (para usufruir quando?), mas em esticar um pouco mais a vida, usufruir dela tudo que pudermos. Sim, saúde é um desejo ético, ou de pessoas que já sofreram problemas com ela. E ela está sempre em risco.

Que mais queremos? Paz. Meus amigos, parentes e conhecidos querem paz. Ao pedir paz nos sentimos um pouco menos egoístas, não estamos pedindo algo só para nós, mas para a humanidade toda. E é nessa área que falamos as maiores asneiras, que nos emocionamos com o cão soterrado por mísseis russos (e exaltamos os ucranianos) ou não nos conformamos com drones ucranianos na cidade russa (e maldizemos os ucranianos). Querer paz nos parece uma atitude de justiça, de respeito à humanidade. Claro que pode ser tudo isso, mas ajudaria bastante se, além do desejo genérico, estudássemos um pouco a situação dos contendedores para não parecermos apresentadores de programas idiotas de TV ou candidatas a miss que desejam “apenas” a paz mundial. Não precisamos ser ingênuos nos nossos desejos...

Em resumo, queremos felicidade, paz e saúde. Pois que todos os que se aventuram nesta página sejam felizes, tenham muita saúde e façam o que possam para atingirmos a paz.

Turismo de natureza: caminho de fomento à conscientização ambiental

» RODRIGO GÓES

Gerente de projetos do Instituto Semeia

Nas imagens que chegam da Amazônia, os leitos de rios secos com imensas quantidades de areia antes submersas lembram mais desertos que a maior bacia hidrográfica do planeta. Ao mesmo tempo, no Sul, as chuvas intensas transformam o que era terra em água, também batendo recordes, levando vidas e ameaçando cidades. Claro que o famoso El Niño tem grandes contribuições, mas os cientistas são categóricos ao afirmar que esse tipo de fenômeno extremo será cada vez mais frequente por conta das mudanças climáticas. É um momento que exige urgência no engajamento da humanidade em prol da proteção do planeta. E isso requer um olhar coletivo para a mesma direção.

Não se trata de idealizar o mundo estático, sem crescimento econômico, mas de fazer a roda girar por meio do desenvolvimento sustentável, desencadeando um ciclo virtuoso. E nesse contexto, nossos parques, se bem conservados, podem contribuir nesse processo ao fomentar o turismo e criar vínculos positivos com as pessoas, seja pelos impactos socioeconômicos que promovem, pelos benefícios que geram para a nossa qualidade de vida ou pelas emoções provocadas pelo contato com a natureza em todo seu esplendor.

Ao voltar para casa, criada uma conexão sentimental com a natureza pautada pela educação ambiental, passamos a considerar como nossas ações diárias afetam o clima, a natureza e outras pessoas e, da mesma forma, como podemos minimizar os impactos negativos e potencializar a construção de um futuro sustentável, seguro, justo e inclusivo. Mas, para isso, é necessário que os parques sejam visitados.

Esse objetivo comum tão necessário ainda precisa ganhar mais força entre os diversos formuladores e executores de políticas públicas para o turismo de natureza nos parques. A adição de Mudança do Clima ao Ministério do Meio Ambiente vem nesse caminho, mas precisamos de mais: precisamos de uma visão comum que una não só órgãos públicos, mas toda a cadeia do turismo e a sociedade, para que as ações sejam coordenadas nesse sentido. Temos, de um lado, um setor de turismo bem estruturado, sedento por novas experiências para oferecer a quem viaja, e, do outro, uma natureza majestosa tão bem refletida em nossos parques.

Algumas iniciativas têm sido feitas para tentar melhorar essa dinâmica. Uma delas é a Rede Brasileira de Trilhas, entidade civil que congrega trilhas nacionais, regionais e locais, cada uma com uma estrutura de governança própria. Ao lado do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Ministério do Turismo e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), com apoio dos destinos, moradores locais, voluntários e trade turístico, a associação se dedica a implementar, manter e apoiar a divulgação das trilhas brasileiras, diversas delas integrando vários parques e outras unidades de conservação. É um bom exemplo de ação voltada a estimular o turismo alinhado à conservação.

Ações como essa ajudam o país a alcançar seu potencial de 56 milhões de visitantes anuais conforme apontado pelo parques como vetores de desenvolvimento para o Brasil, desenvolvido pelo Instituto Semeia e que pode ser encontrado no site da instituição. Para se ter uma ideia do quão aquém estamos, só no ano passado esse contingente, nos parques nacionais, não passou de 11 milhões de pessoas.

O desenvolvimento depende dessa visão comum, mas também da formulação de políticas públicas estruturantes que, de fato, fomentem a visitação em nossos parques. Esse é outro passo fundamental para traçar estratégias que reforcem os impactos do turismo nesses espaços.

Essa agenda tem tudo para ganhar força na COP30, que acontecerá, em 2025, em Belém, e destacar a relevância dos parques e de outras unidades de conservação nesse contexto. Também é uma oportunidade para que o governo deixe um legado para o futuro, mostrando que os benefícios da visitação não são apenas para visitantes e moradores, mas para todos nós em um ambiente ecologicamente equilibrado.

Esse caminho se tornará menos árido se conseguirmos coordenar esforços coletivos que rumem para uma mesma direção. Caso isso aconteça, poderemos almejar para as próximas décadas um sistema nacional que integre, cada vez mais, os parques em todo o seu potencial de conservação do meio ambiente e de turismo sustentável.



Difícil engolir a Seleção sem Zagallo

» JOSÉ NATAL

Jornalista

A safra de novos torcedores da Seleção Brasileira, com certeza, não vai entender muito bem o que foi e o que representou para o futebol brasileiro a figura de Mário Jorge Lobo Zagallo, que, agora, nos deixou. Essa nova geração, sem ter culpa alguma, se apegam mais aos atletas milionários, quase todos tatuados no peito, atentos à playlist do Spotify e assessorados por belas modelos de baixo conteúdo cultural. A maioria, quando se apresenta à Seleção, chega a bordo de seus jatinhos, faz uma live devidamente adornada pelo patrocinador da hora e, se fizer bom tempo, dá autógrafos na porta do hotel, apressadinho.

A nova geração de torcedores da Seleção mal sabe escalar os 11 titulares que entraram em campo no último jogo das eliminatórias da Copa. Claro que não, quase todos jogam na Europa, são milionários, astros de primeira grandeza e, para eles, com raríssimas exceções, a prioridade é o clube em que jogam. A Seleção, no máximo, é um trampolim de luxo. Zagallo, ídolo do Flamengo e mais ídolo ainda no Botafogo, pavimentou a estrada de sua vida como um atleta apaixonado pelas camisas que vestiu, pelos torcedores que o amavam e, também, por aqueles que o fustigavam, fato que, muitas vezes, se repetiu. Quando barrou Romário na Seleção e quando escalou Ronaldinho na

fatídica final contra a França na Copa de 98, teve sua cabeça a prêmio, e a mídia o massacrado.

Episódios ruins acontecem somente na vida de quem luta por ela, e nenhuma carreira é feita apenas de aplausos. Se a nova geração der um mergulho caprichado no Google vai saber que a presença de Zagallo na Seleção Brasileira foi marcada por uma incomparável dedicação, apaixonadas atitudes e gestos de quem sempre soube entender que o futebol faz parte da vida sociológica deste país e que, por ele, o torcedor vai aos extremos da emoção. E quem gosta de futebol — e o brasileiro gosta — sabe e se identifica com rara habilidade com todos aqueles que sabem como lidar também com o ser humano.

Zagallo começou a acontecer para o mundo da bola quando, em 1958, aos 27 anos, integrou a vitoriosa Seleção Brasileira, que sagrou-se campeã mundial na Suécia, jogando ao lado de Garrincha, Didi, Vavá, Nilton Santos, Zito e Pelé, nosso rei do futebol. Como treinador, a conquista da Copa de 70 deu a Zagallo a credencial internacional que o consagrou com inteira justiça e mérito. Emotivo e determinado, ele viveu intensamente todos os seus momentos dentro do universo conturbado e perturbador do futebol. O seu histórico desabafo pela tevê quando disse que “você vão ter que me engolir”, numa desesperada atitude que explicitava

sua revolta com a mídia que o tratava mal, viralizou mundo afora e, até hoje, é lembrado por gerações diferentes.

A bem da verdade, talvez o significado real dessa manifestação de Zagallo seria melhor aplicada se fosse ao contrário. Deve ter sido difícil para o treinador aceitar, e engolir, o amontoado de críticas e mazelas destinadas a ele. A história comprovou que ele estava no caminho certo e que, no tempo certo, ajustou os ponteiros, aprimorou a mira e acertou mais do que errou no comando da Seleção. Uma história revestida de emoções e controversas decisões. Nenhum treinador na história da Seleção Brasileira viveu tão intensamente o que Zagallo viveu.

Apixonado pela camisa amarelinha da Seleção, ele extrapolava a condição de técnico para ser um torcedor, amigo dos jogadores e alguém que, em todos os momentos, defendia a Seleção como se a equipe fosse em campo todo o símbolo de uma nação. Profissional correto, Zagallo soube desempenhar seu trabalho com ética e absoluta vontade de acertar e vencer. Conseguiu. Deixa um legado invejável que, dificilmente, será superado. Por ironia, o treinador nos deixa justamente quando a Seleção que ele tanto amou atravessou seu pior momento. Sem carisma, sem liderança, sem charme e, também, sem treinador. Cenário de terra arrasada não seria exagero. E não é.